

Estudios 24

Revista de Investigaciones Literarias y Culturales

Departamento de Lengua y Literatura / Coordinación de Postgrado en Literatura
Universidad Simón Bolívar. Caracas

j u l i o
2004
d i c i e m b r e

SUMARIO

DOSSIER:

AMÉRICA LATINA, ESPACIO DE TRADUCCIONES

Andrea Pagni, coordinadora 7

Posiciones de la teoría

Traducir en América Latina: genealogía de un tópico de investigación

Birgit Scharlau 15

A Semiologia Clássica e a Resistência à Tradução

Rosemary Arrojo 35

Travessias, seqüências, encontros: o saber ficcional de Guimarães Rosa e a tradução

Else Ribeiro Pires Vieira 53

Situaciones de la práctica traductora

La traducción en América Latina: propia y apropiada

Georges Bastin, Álvaro Echeverri y Ángela Campo 69

El otro de la traducción: Juan María Gutiérrez, Héctor Murena y Jorge Luis Borges, modelos americanos de traducción y crítica

Susana Romano Sued 95

Olimpio en América del Sur. Usos hispanoamericanos del romanticismo francés

Andrea Pagni 117

Intérpretes, traductores y censores. Eduarda y Lucio Mansilla: miradas desde/ sobre la pampa

Graciela Batticuore 133

Periferia vs. periferia: el caso de Zsigmond Remenyik, poeta húngaro en la vanguardia chileno-peruana

László Scholz 157

"Aqueles dois": as cartografias multilíngües de Néstor Perlongher e Caio Fernando Abreu

Christopher Larkosh Lenotti 177

Traducción, interculturalidad y formaciones lectoras: El caso de *Mother Thongue* y la literatura de los latinos en los Estados Unidos

Juan Poblete 197

TRAVESSIAS, SEQÜÊNCIAS, ENCONTROS: O SABER FICCIONAL DE GUIMARÃES ROSA E A TRADUÇÃO

Else R. P. Vieira
Queen Mary, University of London

1. *A virada ficcional dos estudos da tradução*

Uma criança, ao se aproximar de um túnel, pergunta ao pai: "Por que será que sempre constroem um morro em cima dos túneis?"; ao vislumbrar uma casa sendo demolida, relata: "Olha pai! Estão fabricando um terreno!" Transponhamos para o campo da tradução o convite que essa criança nos faz, em "Aletria e Hermenêutica" (Guimarães Rosa, 1995c: 523), o primeiro dos quatro prefácios de *Tutaméia*, para invertermos o ângulo de visão. Desloquemos o nosso foco de leitura dos valores sacralizados pela hermenêutica, desconstruindo a letra (*a-letria*) e repensem a relação entre antecedente e conseqüente.

O arcabouço teórico-descritivo aqui apresentado resulta da transposição, para o pensamento sobre a tradução, da dimensão pós-crítica, termo introduzido por Eneida Maria de Souza na área da Teoria Literária. Chamando a atenção para a carga ficcional de toda teoria, a partir da opção de Barthes pelo conhecimento dramático, Souza deriva sua própria opção pelo conhecimento ensaístico, situado num entre-lugar entre o discurso científico e o ficcional. Esse trabalho (no prelo) forneceu um suporte teórico para a minha proposta que confere expressão teórica e uma terminologia para a incorporação da ficção como fonte de teorização para a tradução (Vieira, 1995a,

Ya en la década del sesenta, João Guimarães Rosa diluía las fronteras entre el quehacer literario y la traducción, al afirmar que escribía como si estuviese traduciendo. Distanciándose de la referencia fidelidad/infidelidad respecto del original, este escritor presenta una comprensión del texto traducido en tanto dinámica de reconfiguración de espacios autoriales. Es entonces que, en su correspondencia con Edoardo Bizarri, expresa el deseo de que la traducción al italiano "tenha um pouco mais de Bizarri e um pouco menos de Guimarães Rosa" (1980). Problematicando la prioridad y la sacralidad del original, Guimarães Rosa presenta una visión de la traducción como continuación y suplemento del original, manifestando, además, su alegría al ver su obra transformada e incluso mejorada en la versión italiana. El

1995b)¹. Por analogia com o *Cultural Turn in Translation Studies*, denominei esta etapa o *Fictional Turn in Translation Studies / A Virada Ficcional dos Estudos da Tradução* (Vieira, 1995a, 1995b, 1998). O saber ficcional, argumento, representa o mundo e o saber empíricos, ao mesmo tempo que os desconstrói, ao incorporar o elemento de subjetividade na representação². A *virada ficcional* suplementa o que Susan Bassnett denominou a terceira fase dos Estudos da Tradução, na qual a análise da linguagem figurada usada pelos tradutores constituiu um passo para o pós-estruturalismo (Bassnett, 1993).

Nomear é fazer existir. A terminologia proposta, de fato, traz para a área da visibilidade uma importante revitalização da teoria e prática da tradução levada a efeito pela América Latina. Destacados escritores usaram seus textos ficcionais como *locus* de teorização sobre a tradução: os argentinos Jorge Luis Borges, Julio Cortázar e Ricardo Piglia; o cubano Guillermo Cabrera Infante e Gabriel García Márquez (Colômbia), Machado de Assis e Silviano Santiago (Brasil) são nomes significativos. Esses problematizadores das origens, centro(s) e fronteiras, através de vivências de limites mutáveis e instáveis, subverteram visões tradicionais da tradução respaldadas em noções de pureza e oposições binárias³. É eloqüente a colocação do argentino Ricardo Piglia. A ficção, para ele, narra, metaforicamente, as mais profundas relações com a identidade cultural, a memória e a tradição; de fato, na Argentina, como em outros países da América Latina, “a tradição [...] assume a forma de tradução” por ser lida fora de contexto, o que apaga a existência de um duplo contexto; a “ex-tradição é, assim, a pátria do

presente ensayo pone bajo sospecha lecturas de la traducción basadas en binarismos excluyentes. Respaldándose en el saber ficcional de Guimarães Rosa en “Seqüência” (*Primeiras estórias*, 1962) presenta un marco teórico-descriptivo de la traducción en tanto travesía y espacio de encuentro y de transformación mutua, buscando contemplar relaciones más complejas entre el original y la traducción. La textura del ensayo se construye entrelazando ese saber ficcional con intravisiones de textos filosóficos de Jacques Derrida y Walter Benjamin, y de los discursos filosófico-amorosos de Luce Irigaray y Emanuel Lévinas.

Palabras clave:
traducción, saber ficcional, Guimarães Rosa, encuentro, complemento/suplemento.

Crossings, Sequences, Encounters: Guimarães Rosa's Fictional Knowledge and Translation

As far back as the 1960s, João Guimarães Rosa straddled the boundaries between literary creation

escritor” que é “compelido a lembrar uma tradição perdida, compelido a cruzar a fronteira” (Piglia, 1990: 61-62).

Enquanto a teoria tradicional da tradução privilegia a segurança e a previsibilidade pela aderência ao modo de ser da origem, através do discurso ficcional de Guimarães Rosa enfatizaremos a instabilidade de fronteiras, onde diversas linguagens se interpenetram e onde se desencadeia uma série de mutações: lingüísticas, de história, de memória cultural, de relações de propriedade, de estatuto autoral, dentre outras. As citações abaixo metaforizam o processo de tornar-se como transposição de fronteiras, respectivamente nos campos da semiótica e da teoria da tradução. Elas contextualizam, em termos disciplinares, a trajetória das travessias a ser elaborada no presente ensaio.

Nunca confinada àquilo que foi ou que é, a semiose emerge na fronteira entre o que é e o que pode ser ou o que poderia ter sido (Deely, 1990: 35).

O tradutor é aquele que faz passar. Passar de uma língua à outra, de um mundo a outro [...] É aquele que conhece as duas margens, mas que sempre permanece sobre as águas incertas do rio: para fazer passar [...] Ele, o que faz passar, seguirá seu destino que é o de permanecer na zona perigosa da passagem: onde se joga o renascimento ou a morte (Zins, 1985: 47; tradução minha).

O real, para Rosa, reside na travessia: “O real não está na saída nem na chegada: ele só se dispõe para a gente é no meio da travessia” (1995a: 46).

and translation, adding that he wrote as if he were translating. In a shift away from the references of fidelity/infidelity to the original, his understanding is that the translated text entails a dynamic reconfiguration of authorial spaces, as the words of his correspondence with Edoardo Bizarri bear evidence; his stated wish is that the translation into Italian “have a little more of Bizarri and a little less of Guimarães Rosa” (1980). Problematising the priority and sacrality of the original, he presents a view of translation as continuation and supplement to the original; he further expresses his joy in seeing his work transformed and superseded in the Italian version. This essay shies away from readings of translation anchored on excluding binaries. Relying on Guimarães Rosa’s fictional knowledge in “Seqüência”/“Sequence” (*The Third Bank of the River and other Stories*, 1968), it attempts to account for more complex relations between original and translation and advances a theoretical-descriptive framework of translation as crossing, as a

Suas palavras finais em sua obra-prima, *Grande Sertão Veredas*, epitomizam sua preocupação primordial com a transcendência do homem, que implica, claro, a instabilidade e a mudança: “O que existe é o homem humano. Travessia” (1995a: 385).

Na sua obra em geral, Rosa se opõe ao esquematismo racional, propondo, por outro lado, a intuição, o jogo, a eterna travessia para o transcendente (Balbuena, 1994: 48). Na sua crítica à lógica, em nome da qual os grandes erros e crimes eram cometidos, Rosa busca a todo instante “mais ilógico dos sentimentos”, “o amor à língua, à linguagem, ao homem, ao universo; enfim, à própria vida” (Balbuena, 1994: 101, 104). Ele, de fato, entra no panorama da literatura nacional no momento maior da vida urbano-industrial brasileira, mas busca no elementar a ilogicidade enquanto fonte de sabedoria: “seu mundo está no interior, entre jagunços, onças e vacas; no sertanejo, especulativo por natureza e também sonhador” (Balbuena, 1994: 74).

A seguir, examinamos as formas pelas quais o saber ficcional de Guimarães Rosa, no conto “Seqüência”, desautomatiza nossa leitura da tradução por retirá-la do seu contexto habitual. Desta feita, deslocaremos nossa leitura dos parâmetros lógicos tradicionais da tradução —fonte e alvo— para que possamos pensar a tradução enquanto existência continuada do texto original —sua seqüência—, operando dentro de uma lógica do transformar-se pelos encontros revitalizadores. Falemos, então, de vacas fujonas, de rios que se transpõem, transcendências, traduções...

space of encounter and mutual transformation. Its weave ties in such fictional knowledge and insights from Jacques Derrida's and Walter Benjamin's philosophical texts, and from Luce Irigaray's and Emanuel Levinas's philosophic-amorous discourses.

Key Words:

Translation, Fictional Knowledge, Guimarães Rosa, Encounter, Complement/Supplement.

2. Um novo olhar para o traduzir

Seqüência

Na estrada de Tabocas, uma vaca viajava [...] Nem hesitava nas encruzilhadas [...] ao rumo que reto a trazia, para o rio, e —para lá do rio— a terras de um Major Quitério [...] Seguia certa; por amor, não por acaso [...] Apressava-se nela o empolgo de saudade que adoce o boi sertanejo em terra estranha, cada outubro, no prever os trovões [...] Seu cavalo murça se aplicava [...] ligeiro. Sabia que coisa era o tempo, a involuntária aventura [...] Deu patas à fantasia [...] Do ponto, descortinou que: aquela. A vaquinha [...]

Aí, subia também ao morro, de onde muito se enxergava: antes das portas do longe, as colinas convalares —e um rio— [...] O rio, liso e brilhante, de movimentos invisíveis. Como cortando o mundo em dois [...] Transcendia ao que se destinava [...] a vaquinha chegava à beira [...] quase que mal os dois chifres nadando [...] a vaca vermelha o transpondo, a esse rio [...] o filho de seo Rigério [...] Hesitou, se. Por certo não passaria, sem o que ele mesmo não sabia —a oculta, súbita saudade. Passo extremo! Pegou a descalçar as botas. E entrou —de peito feito. Àquelas quíilas águas trans —às braças. Era um rio e seu além. Estava já, do outro lado [...] Iam-se, na ceguez da noite [...] O mundo entre as estrelas e os grilos [...] Semiluz: sós estrelas [...] Onde e aonde? A vaca, essa, sabia: por amor desses lugares.

Chegava, chegavam. Os pastos da vasta fazenda [...] A casa de um Major Quitério [...] A uma roda de pessoas. Às quatro moças da casa. A uma delas, a segunda. Era alta, alva, amável. Ela se desescondia dele. Inesperavam-se? O moço compreendeu-se. Aquilo mudava o acontecido. Da vaca, ele a ela diria: —“É sua”. Suas duas almas se transformavam? [...] Amavam-se (Guimarães Rosa, 1995b: 433-436).

A imagem da travessia em “Seqüência” evoca o “tornar-se” do original através da sua transposição para um outro espaço histórico —a trajetória de um processo de semiose que esse ensaio percorre. Por que tra-duzir, trans-por? Para Derrida, a falta *na* origem é a mola propulsora para o traduzir.

Questionando o original enquanto plenitude, ele reverte a visão tradicional de perda associada à tradução:

O original exige a tradução, mesmo se não houver um tradutor apto a responder a esta injunção, que é ao mesmo tempo exigência e desejo na própria estrutura do original. Essa exigência é a relação da vida com a existência continuada. A exigência do outro como tradutor (Derrida, 1985b: 182; tradução minha).

“Seqüência” reveste a noção de falta de maior complexidade, colocando a mola propulsora para a tradução na falta *na* e *da* origem. Para ele, como também viria a se expressar Luce Irigaray no discurso filosófico-afetivo de *Elemental Passions*, “O homem está dividido entre duas transcendências: de sua mãe e de seu Deus” (Irigaray, 1992: 1; tradução minha): uma transcendência olha retrospectivamente para o ventre, para o sentido primordial de unicidade, de re-união, a outra olha prospectivamente para o outro mundo, o desconhecido e a infinitude indomável que ultrapassa o próprio homem. Examinemos esses dois conceitos de tra-duzir, no seu sentido etimológico de “transpor”, em “Seqüência”.

Há em Guimarães Rosa uma marcante personagem —a Vitória, uma vaquinha sertaneja em terra estranha— cujo impulso para a transposição é a falta *da* origem; seu movimento prospectivo a leva, paradoxalmente, em direção ao passado. O prever dos trovões desperta nela o empolgo da saudade, o desejo da futura re-união com o telúrico, com a Terra-Mãe. Ela não hesita nas trilhas alternativas que as encruzilhadas lhe oferecem. O transpor do rio para ela não é fortuito, ele é impulsionado pelo amor e pela confiança, ele é uma “con-seqüência” do desejo de re-integração com a *Terra-Mater*, uma nostalgia da unicidade da origem como era *in principium*, isto é, anteriormente à descontinuidade engendrada pela mudança de proprietários.

A descontinuidade é a mola propulsora para a transposição, sugere Guimarães Rosa. Há um rio que “corta um mundo em dois”, que divide dois domínios, e a travessia é uma forma de reverter a descontinuidade engendrada pela delimitação de espaços e possessões. A transposição viabiliza uma conjugação, sobrepondo-se à dispersão. A tradução, na ótica benjaminiana, permite a recuperação no futuro do mundo pré-dispersão, onde não há tensões mas um ideal de reconciliação e plenitude (Benjamin, 1982). Este é o ponto de parada do movimento, do dinamismo.

Mas o transpor pode ser também uma resposta ao apelo de uma outra forma de transcendência. Julio Cortázar diz que “o homem tem uma sede eterna pela transformação e pela mutação” (ápod Aparicio, 1991: 162). Mas o que leva o homem à consciência da necessidade de transposição e transformação? Quando o filho de Seo Rigério galopava no encalço da vaquinha fujona, ele tomou consciência da “involuntria aventura do tempo”, do desejo de abrir-se à plenitude do ser e “deu patas à fantasia”. O jogo de palavras é aqui crucial, pois Rosa transfere para as patas ágeis do cavalo o senso de urgência do rapaz em atender aos clamores do *mysterium fascinans*. Subindo o morro, ele vê mais do que a vaca, o objetivo inicial de sua jornada. A altura abre para ele “as portas do longe”, uma imagem da abertura que desperta nele a possibilidade de novos mundos. Ele discerne a vaca Vitória ao longe, prefigurando a vitória. Respondendo ao apelo de transcendência do eu, ele galopa morro-abaixo e se aproxima do rio que a Vitória estava atravessando.

Uma das colocações magistrais de Guimarães Rosa, em correspondência com o seu tradutor para o alemão Curt Meyer-Clason, é que é preferível o obscuro do que o óbvio, pois ao obscuro se opõe a força de desvelamento (in Meyer-Clason, 1968). É nesse ponto que o rio se transforma num espelho que desvela para o rapaz os seus desejos latentes. Movimentos invisíveis, sob a superfície do rio “liso e brilhante” prenunciam uma mudança. Havia algo inquietando a ele, uma “oculta súbita saudade” —de quem ou de que ele não sabia definir nem nomear. Era algo que se sente mas é ainda não enunciável que se transforma no catalisador de sua decisão de atravessar o rio. Esse instante, tal como o signo, é fugaz. Antes que ele pudesse interpretar a sensação presente, ele se fez passado. Revertendo a perseguição inicial à vaca, o rapaz se une à Vitória no impulso de atravessar o rio. E o rio passa a ter uma função dupla: o símbolo de um desejo de transcendência e um veículo de passagem.

3. Travessia

Em antecipação ao que, presumo, o leitor imagina será o resultado da travessia, ofereço um conceito de tradução: “Traduzir é fazer surgir uma imagem ausente na fugacidade do presente para um futuro que se torna cada vez maior” (Vieira, 1992: 83).

Para o rapaz, o rio não mais impõe limites às possessões, mas se converte na possibilidade de transcendência, o que, novamente, o alinha com a Vitória. A travessia, o trans-por o rio não é mais fortuito ou circunstancial mas uma inevitabilidade para a superação dos limites do próprio ser. Tal consciência leva o filho de Seo Rigério ao passo extremo de “pegar e descalçar as botas”, ao rápido e destemido entrar de “peito feito” no rio, que atravessa “às braças”. O trans-por, o tra-duzir não como uma con-seqüência mas uma seqüência, uma sucessão de movimentos corporais livres e deliberados a outros modos de ser.

Os importantes procedimentos técnicos e formais utilizados por Rosa introduzem inúmeras inovações nos níveis léxico, sintático, poético e retórico, criando formas que transgridem o uso comum da língua portuguesa. Em “Seqüência”, Guimarães Rosa dirige nossa atenção para a importância da travessia pela desautomatização dos nossos hábitos lingüísticos. Se, usualmente, dizemos “entrar ou pular de cabeça na água”, o rapaz “entra de peito feito”; se dizemos “dar braçadas na água”, o rapaz entra nas águas “às braças”. Com maestria, Guimarães Rosa dramatiza a reversão engendrada pela travessia pela própria inversão dos elementos da palavra no espaço gráfico —o rapaz entra de peito feito naquelas “qüilas águas trans”. Entre os elementos invertidos, se interpõem as águas. Subjaz a esse manuseio da linguagem a visão rosiana de que ela (Coutinho, 1994: 13) tem o poder de transformação do mundo, ao revestir a realidade de novo sentido. Esse descondicionamento de nossos hábitos verbais, para que possamos enxergar outros modos de ser e interpretar o mundo, são também, no âmbito da minha proposta, um convite para descondicarmos alguns de nossos pensamentos esquematizados sobre a tradução. O cortar, “de peito feito”, as “qüilas águas trans”, acrescenta significados à metáfora da travessia: o que era antecedente, vira conseqüente.

A linguagem rosiana reflete também uma visão da transposição/tradução como inevitabilidade, em consonância com Derrida. O original, para esse filósofo, é “o primeiro devedor, o primeiro suplicante”; por ser incompleto, ele “pede” a tradução (Derrida, 1985b: 184). Essa linha de raciocínio é colocada de forma mais enfática em *The Ear of the Other*: a não plenitude do original faz dele um suplicante a exigir a tradução (Derrida, 1985a: 152). Assim, a tradução permite o crescimento do original, pois, ao se completar, ele se amplia. O tra-duzir é, assim, uma tarefa libertária do que está cativo no

original —a língua pura— como esclarece Derrida reportando-se a Walter Benjamin (1985b: 188).

Mas, para Rosa há na travessia também o elemento do desejo, do desejo do outro enquanto superação dos limites do eu, que se traduz na elaboração, abaixo, de uma hermenêutica dos encontros.

4. A tradução enquanto encontro

O que ocorre quando transpomos os limites do eu?, indagamos com Irigaray. Quais as dádivas que advêm da travessia?, especulamos com Guimarães Rosa.

A princípio, o filho de Seo Rigério, já do outro lado, não encontrou nada além do desconhecido e da infinitude indomável. Ao invés do rio como o espelho de suas faltas, estava a “cegueira da noite” e a imensidão do mundo “entre as estrelas e os grilos”. O obscuro se interpõe como uma expressão do ainda amorfo, como há também uma falta de direção —“onde e aonde”. Em contraste, os movimentos da vaquinha Vitória não eram a esmo, pois ela havia re-cruzado o rio “por amor desses lugares”. E, ao invés de ser *per-seguida*, ela é *seguida*, o que dá ao rapaz um senso de direção e permite-lhe passar do amorfo ao formal. Nesse ponto há uma convergência estrutural dos dois modos de travessia. Vitória e o rapaz chegam numa *seqüência*, numa quase-simultaneidade: “Chegava, chegavam”. O singular se torna plural.

Guimarães Rosa antecipa duas dádivas que advêm das travessias, ao apresentar dois símbolos de fecundidade e fertilidade: a *Terra Mater* e a mulher. A fecundidade, sob a ótica de Lévinas, é uma relação com um futuro que dá continuidade à história (Lévinas, 1969: 269). A vaquinha, na sua determinação, vai diretamente para os pastos da fazenda, em busca da re-integração com o telúrico, a *Terra Mater*. Embora a sensação do ainda não definido permaneça por um tempo com o rapaz, como se vê pelo próprio uso do artigo —ele chega “à casa de *um* Major Quitério”, à “*uma* roda de pessoas” (meus itálicos), rapidamente ele se transforma no inevitavelmente definido, “às *quatro* moças da casa” (meus itálicos). E depois, no mais específico, “a *uma* delas, a *segunda*” (meus itálicos). Numa convergência de movimentos, há um mútuo des-velar: também “ela se desescondia dele”. Emmanuel Lévinas diz que o amor, “como transcendência, vai para o Outro e devolve para nós esse lado da própria imanência: ele designa um movimento através do qual um ser

procura aquele a quem ele estava ligado mesmo antes de tomar a iniciativa da procura” (1969: 255).

Guimarães Rosa compartilha com Lévinas essa visão da inevitabilidade e da predestinação dos encontros. Em resposta à sua enfática pergunta retórica —“inesperavam-se?”— que problematiza a visão de os encontros serem fortuitos, ele próprio diz: “o moço compreendeu-se”. À medida que o próprio Guimarães Rosa passa sua linguagem da indefinição para a definição, o rapaz também toma consciência dessa certeza.

Em resposta a outra pergunta retórica —“Suas almas se transformavam?”—, Guimarães Rosa oferece a simplicidade de um único verbo que, acoplado a um pronome reflexivo, expressa toda uma hermenêutica da transformação bilateral advinda dos encontros —“Eles se amavam”. Segundo Lévinas, Eros impede o retorno à imanência, do eu a si mesmo: “o eu desaparece pela união com o outro” (1969: 271). Irigaray também fala do mútuo transformar advindo dos encontros:

Doar-se, essa doação —uma transição que desfaz as propriedades dos nossos enclausuramentos, a moldura das nossas identidades. O amar você, torna, torna-me uma outra. Amando você, eu não sou mais; amado, você é diferente (Irigaray, 1992: 73-74; tradução minha).

Sobre a transformação bidirecional através dos encontros, magistralmente se expressa Jenkins, reportando-se a Deleuze:

À medida que o amante muda, também muda o objeto do seu amor: uma pessoa que é amada não é a mesma que antes de amar. Essa dupla mudança é verdadeira para o “tornar-se” como um princípio geral; Deleuze chama a esse fenômeno “dupla captura”, através do qual ambos os termos na relação de amor absorvem qualidades do outro (embora cada um mantenha a sua identidade independente) [...] Isso então é uma dupla captura: há uma absorção assimétrica de novas propriedades, sem nenhum tipo de fusão, pois ambos são pegos num processo único de tornar-se [...] “Tornar-se” no é portanto uma relação de oposição, de ou x ou y, mas sobretudo uma questão de encontro, de “captura”, de x e y (Jenkins, 1989: 102-03; tradução minha).

Todavia, não é apenas o futuro que modifica. Como diz Guimarães Rosa, “aquilo mudava o acontecido”, o que quer dizer que as transposições para o futuro fazem com que o passado adquira novos significados. Explicitando o novo viés dado ao passado, o filho de Seu Rigério diz à moça, a respeito da vaca, “É sua” —uma reversão das antigas relações de propriedade.

A transformação é bidirecional, a fertilização é bidirecional. Como o é também o débito, segundo a colocação de Derrida no campo da tradução. Em oposição à hierarquizada visão tradicional do *status* derivativo e inferior da tradução, Derrida (1985a, 1985b), expandindo as percepções de Benjamin em “A tarefa do tradutor” (1982) insiste no débito inicial de qualquer autor a um possível tradutor. Derrida explica que Benjamin incita-nos a pensar a vida a partir do espírito ou da história e não da “corporalidade orgânica” em si. A ênfase é dada à tarefa, ao dever e não ao problema da tradução: a sobrevivência, no sentido de existência continuada, das obras (Derrida, 1985b: 179). O conceito comum da tradução, Derrida alega, é problemático porque, segundo Benjamin, ele pressupõe um processo de restituição e a tarefa do tradutor seria traduzir o que foi fornecido primeiro, isto é, o pensamento, o significado (Derrida, 1985b: 177-178). O reverso, ou seja, que a restituição do significado não constitui mais a regra, é suprido pela metáfora benjaminiana da vida ou da família, onde, Derrida observa, tudo gira em torno de “über” (*Übersetzen, Übertragen, Überleben*):

Da mesma forma que as manifestações de vida são, em última análise, relacionadas aos vivos, sem nada com isso significar, uma tradução procede do original. De fato, não tanto da sua vida mas da sua sobrevivência (*Überleben*). Porque a tradução vem após o original e, para as obras importantes que nunca encontraram seu tradutor predestinado na época do seu nascimento, ela caracteriza o estágio de sua sobrevivência (*Fortleben*), desta vez sobrevivência como continuação da vida ao invés da vida *post-mortem*. Ora, é nesta realidade simples, sem nenhuma metáfora (“in völlig unmetaphorischer Sachlichkeit”), que é necessário conceber a idéia de vida e sobrevivência para as obras de arte (citação de Benjamin expandida por Derrida, 1985b: 178; tradução minha).

A noção de vida continuada —“Seqüência”, em termos rosianos— inverte o pensamento tradicional sobre a tradução:

Essa existência continuada dá mais de vida, mais do que uma sobrevivência. A obra no vive simplesmente por um tempo maior, ela vive mais e melhor, além dos meios do seu autor. Seria, então, o tradutor um receptor endividado, submetido à doação e ao doado de um original? De forma alguma (Derrida, 1985b: 179; tradução minha).

Há um rio, há um espaço liminar, que é passado e presente, origem e teleologia, estabilidade e mudança. Há um rio, há uma travessia, há um futuro esperando para doar outros significados ao passado. Há um cruzar que é também um retorno. Há “portas do longe” a descortinar uma falta *da* e *na* origem. Há um desejo convergente de “desesconder-se” e abrir-se à doação do outro. Há um transformar-se *com*. Encobertos/“desescondidos”. Há um rio, uma travessia, há duas histórias de vida que se encontram.

Tendo deixado a sugestão, a partir do saber ficcional de Guimarães Rosa em diálogo com a filosofia de que do transpor advém a união de duas identidades e duas histórias, reporto-me à metáfora da alma em Peirce, que doa um sopro de vida aos seus signos — e que, por inferência, traz à visibilidade *duas almas* na tradução:

De fato, o processo de obtenção de um equivalente para um termo é uma identidade de dois termos previamente diferentes. Constitui, de fato, o processo de nutrimento de termos através do qual eles obtêm toda a sua vida e seu vigor e através do qual eles liberam uma energia quase criativa [...] Cada um desses equivalentes é a explicação do que está encoberto no primeiro; eles são os substitutos, os intérpretes do termo original. *Eles não são corpos animados pela mesma alma* (Peirce, 1982-1986: 272-286; ênfase minha, tradução minha):

Expresso aqui meu próprio desejo de que o arcabouço teórico-ficcional aqui encenado — da tradução enquanto travessia e encontro de duas identidades em mutação, num complexo jogo de ocultar/desvelar, de dissolução do estável e de construção de outros modos de ser — ilumine os estudos da relação autor/tradutor, para além das insatisfatórias formulações vigentes. Na sua expressão mais simples, o saber ficcional de Guimarães Rosa e sua correspondência com seus tradutores sugerem que a consciência de

nossas limitações e o abrir-se ao doar-se do outro, exemplarmente elaborados pelo discurso amoroso na ficção e na filosofia, são também vetores para se analisar uma relação mais complexa do que a simples retirada do outro do campo da visibilidade.

Notas

- ¹ Tal experimentação encontrou um solo fértil quando disseminada através de cursos de tradução por mim ministrados e nas teses por mim orientadas nos programas de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais a partir de 1992. Essa proposta foi utilizada de forma profícua em algumas teses de doutorado. Destaco Vilela (1996), que faz um acoplamento do texto literário aos conceitos de apropriação em Goethe e Haroldo de Campos e o de rizoma de Deleuze, e Pagano (1996) que demonstra ser a ficção como fonte de teorização uma marcante contribuição da Argentina. Kremer e Silva & Vieira (1996) trabalham com o discurso fantástico de Stephen King e com Derrida para evidenciar como a política dos nomes próprios na oto/auto-biografia ilumina a questão do “Eu” do tradutor que lê e escreve.
- ² Uma primeira experimentação com o saber ficcional de Guimarães Rosa, publicada na Argentina, relaciona-se à problematização de visões essencialistas da mimese na tradução e da invisibilidade do tradutor, a partir do conto “O espelho” (Vieira, 1996).
- ³ Susan Jill Levine, uma estudiosa judia da América Latina, enfatiza a natureza problemática das fronteiras lingüísticas, na medida em que o perpétuo reciclar dos impérios, colonizações e migrações permite que as línguas invadam umas às outras, como se reflete na América Latina poliglota e suas literaturas. A condição de exílio é a dos tradutores, ambos compartilhando um contexto cultural expandido e uma consciência de que nenhuma língua é uma ilha e que suas próprias limitações lingüísticas coexistem com a intangibilidade da outra língua (Levine, 1991: 1-4). Uma outra contribuição importante nesse contexto é a de Frances Aparicio, cujo trabalho publicado nos Estados Unidos enfatiza sobretudo os escritores argentinos, especialmente Cortázar (Aparicio, 1991). Aníbal González, também nos Estados Unidos, extrai uma teoria da tradução na ficção de García Márquez (González, 1987).

Bibliografia

- Aparicio, Frances R. (1991) *Versiones, Interpretaciones, Hispanoamérica en el Siglo Veinte*. Gaithersburg: Ediciones Hispamérica.
- Balbuena, Monique (1994) *Poe e Rosa: à Luz da Cabala*. Rio de Janeiro: Editora Imago.
- Bassnett, Susan (1993) *Comparative Literature: a Critical Introduction*. Oxford/Cambridge: Blackwell.
- Benjamin, Walter (1982) "The task of the translator: an introduction to the translation of Baudelaire's 'Tableaux Parisien'". *Illuminations*. Transl. H. Zohn. London: Fontana, pp. 69-82.
- Bizarri, Edoardo (1980) *J. Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizarri*. São Paulo: T. A. Queiroz: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro.
- Coutinho, Eduardo F. (1994) "Apresentação". *Poe e Rosa: à luz da Cabala*. Monique Balbuena. Rio de Janeiro: Editora Imago, pp. 13-17.
- Deely, John (1990) *Semiótica básica*. Trad. Julio C.M. Pinto. São Paulo: Ática.
- Derrida, Jacques (1985a) *The Ear of the Other: Otobiography, Transference, Translation*. English ed. Christie V. McDonald. Transl. Peggy Kamuf. New York: Schocken Books.
- _____ (1985b) "Des tours de Babel". *Difference in translation*. Joseph Graham ed. Transl. Joseph Graham. London: Cornell University Press, pp. 149-164.
- González, Aníbal (1987) "Translation and Genealogy: *One Hundred Years of Solitude*". *Gabriel García Márquez: New Readings*. Bernard McGuirk & Richard A. Cardwell eds. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 65-80.
- Irigaray, Luce (1992) *Elemental passions*. Transl. Joanne Collie & Judith Still. London: The Athlone Press.
- Jenkins, Tymothy (1989) "On the trajectory of gnosis: St. John of the Cross, Reverdy, Derrida, Lévinas". *Pierre Reverdy. Nottingham French Studies*. Bernard McGuirk ed., pp. 98-120.
- Kremer e Silva, Marie-Anne & Else Ribeiro Pires Vieira (1996) "Translation: the eye/I of the other". *Second International Conference on Current Trends in Studies of Translation and Interpreting*. Budapest, 5-7 September 1996 (Apresentação).
- Lévinas, Emanuel (1969) *Totality and Infinity*. Transl. A. Lingis. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Levine, Suzzane Jill (1991) *The Subversive Scribe: Translating Latin American Fiction*. Saint Paul: Graywolf Press.
- Meyer-Clason, Curt (1968) "Guimarães Rosa". *Minas Gerais (Suplemento Literário)* 23 de novembro.
- Pagano, Adriana Silvina (1996) *Percursos críticos e tradutórios na Argentina e no Brasil*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Tese de doutoramento inédita.
- Peirce, Charles S. (1982-1986) "Lowell lecture VII". *The Writings of Charles S. Peirce*. L. Moore et al. eds. Bloomington: Indiana University Press.
- Piglia, Ricardo (1990) "Memoria y tradición". *II Congresso Abralic: Literatura e Memória Cultural*. Belo Horizonte, 8-10 de agosto de 1990. Vol. 1, pp. 60-66.
- Rosa, João Guimarães (1995a [1956]) *Grande Sertão: Veredas*, in *Fição Completa* (Volume II). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguillar S.A., pp. 11-385.
- _____ (1995b [1962]) *Primeiras estórias* ("Seqüência"), in *Fição Completa* (Volume II). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguillar S.A., pp. 389-515.
- _____ (1995c [1967]) *Tutaméia: terceras estórias* ("Prefácio: Aletria e Hermenêutica"). *Fição Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguillar S.A., volume II, pp. 519-715.
- Souza, Eneida Maria de (no prelo) "Time of Postcriticism". *Retranslating Latin America: Dimensions of the Third Term*. Bernard McGuirk & Else Ribeiro Pires Vieira eds. Nottingham: Nottingham Monographs in the Humanities.
- Vieira, Else Ribeiro Pires (1992) *Por uma teoria pós-moderna da tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Tese de doutoramento inédita.
- _____ (1995a) "Can another subaltern speak?". *Renaissance and Modern Studies: Minorities and Minority Discourse*. Mark Millington & Collin M. Heywood eds. Vol. 38, pp. 96-125.
- _____ (1995b) "Nudity versus royal robe: signs in rotation from Latin American (in)culture to (in)translation". *Brazil and the Discovery of America: Narrative, History, Fiction 1492-1992*. Ribeiro de Oliveira, Solange & Bernard McGuirk eds. Lewiston/Queenston/Lampeter: The Edwin Mellen Press, pp. 1-16.
- _____ (1995-1996) "El ser en visible: 'El espejo' en Guimarães Rosa". *Estudios: Revista del Centro de Estudios Avanzados*. Córdoba 6: 21-27.
- _____ (1998) "New Registers for Translation in Latin America". *Literary Translation and Higher Education*. Kirsten Malmkjaer & Peter Bush eds. Amsterdam: John Benjamins, pp. 171-196.
- Vilela, Lúcia Helena de Azevedo (1996) *Tesouros alquímicos: transtextualidade em J. G. Rosa e W. B. Yeats*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Tese de doutoramento inédita.
- Zins, Céline (1985) "Le traducteu et la fonction du double". *Actes des assises de la traduction littéraire 1*. Arles: Actes Sud/Atlas, pp. 34-59.